

A EDUCAÇÃO FÍSICA, A PÁTRIA E O ESPORTE: A CONSTRUÇÃO DO TRABALHADOR NACIONAL PELA LIGHT

PHYSICAL EDUCATION, THE HOMELAND AND SPORT: THE CONSTRUCTION OF THE NACIONAL WORKER BY LIGHT

GUILHERME FERNANDES REIS DAS CHAGAS*

Resumo: A Light, como ficou popularmente conhecida, era mantida pela *holding Brazilian, Light and Power*, desde 1905. O grupo desenvolveu uma rede multinacional presente em outros países da América Latina como o México, Cuba, Porto Rico, Panamá e Guatemala, por exemplo. Na década de 1930 a empresa fortaleceu e engajou sua comunicação discursiva por meio do seu periódico, a *Revista Light*, para os seus mais de dezoito mil trabalhadores brasileiros. O periódico buscava incentivar as práticas esportivas, especialmente a importância da educação física, como elemento central do ideal de trabalhador nacional. A proposta do presente artigo é compreender as intenções e meios utilizados pela empresa na formação de um corpo operário sadio e harmônico.

Palavras-chave: educação física; esporte; *Revista Light*

Abstract: Light, as it became popularly known, was maintained by the Brazilian holding, Light and Power, since 1905. The group developed a multinational network present in other Latin American countries such as Mexico, Cuba, Puerto Rico, Panama and Guatemala, for example. In the 1930s, the company strengthened and engaged its discursive communication through its journal, Light Magazine, for its more than eighteen thousand Brazilian workers. The journal sought to encourage sports practices, especially the importance of physical education as a central element of the national worker ideal. The purpose of this article is to understand the intentions and means used by the company in the formation of a healthy and harmonious workforce.

Keywords: physical education; sport; Light Magazine

A visita à Cidade Light, do ainda ministro da Educação e Saúde, Francisco Campos, a convite da empresa, em 1932, indica o papel importante que o empresariado se atribuía na formação social do operário junto ao Estado.

Não considero a Light apenas uma empresa de iluminação e de transporte. A Light é sobretudo e tende sobretudo a ser, cada vez mais acentuadamente, um alto e destacado empreendimento social. A obra de assistência e educação que se tem a

* Mestre em História pela Universidade Federal de São Paulo (Unifesp). E-mail: gui_chagas@hotmail.com.

oportunidade de descortinar na Cidade Light, representa um desses aspectos nobres e desinteressados da aplicação econômica ou industrial da inteligência humana, abrindo no coração da cidade do Rio de Janeiro este largo e animador panorama que é a Cidade Light.¹

A Cidade Light (complexo industrial de convivência operária localizada no Rio de Janeiro da empresa *Brazilian Traction Light and Power*) recebia constantemente visitas dos representantes dos mais variados postos técnicos e políticos. Além disso, era considerada um exemplo não apenas pelas condições de higiene e salubridade, mas também como centro de formação física e racional dos trabalhadores. Campos, além de ser um defensor do Estado autoritário, também depositava na pedagogia uma importância fundamental na consolidação desse projeto.² As visitas ao principal complexo fabril da Light tinham se tornado parte do itinerário da Comissão Municipal de turismo do Rio de Janeiro e frequentemente retratadas pela *Revista Light*.

A *Revista Light* ou apenas “*A Light*”, como era chamada por outros meios da imprensa do período, organizada e editada pelo Departamento de Publicidade da empresa, existiu durante doze anos ininterruptos (1928-1940), de periodicidade mensal, com um breve retorno entre 1950 e 1953, com apenas duas edições por ano. Distribuída gratuitamente para os seus mais de dezoito mil trabalhadores em todo território nacional, além de apresentar o desenvolvimento técnico dos produtos e das obras de grandes proporções na vida urbana de cidades como o Rio de Janeiro e São Paulo, a revista se dedicou mais a tratar outras abordagens voltadas ao contexto social, inclusive os hábitos comportamentais e a postura dos seus trabalhadores.

O periódico se utilizou de várias estratégias comunicacionais e modos de linguagem para se aproximar dos seus trabalhadores. Como aponta Ana Luiza Martins, uma das primeiras tarefas do historiador que utiliza do periódico como fonte histórica é determinar sua tipologia, ou seja, “é definir a segmentação que a norteia, procurando inferir o público para o qual se dirige, identificando interesses, valores e técnicas de cooptação de mercado”.³ Por isso, é importante ressaltar que a *Revista Light* representa as estratégias da própria Light; a

¹ Trecho do discurso do ministro Francisco Campos. **Revista Light**, mar. 1932, p. 9.

² SCHWARTZMAN, Simon; BOMENY, Helena Maria Bousquet; COSTA, Vanda Maria Ribeiro. **Tempos de Capanema**. 2ª ed. São Paulo: Paz e Terra; Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 2001, p. 81.

³ MARTINS, Ana Luiza. Da fantasia à história: folheando páginas revisteiras. **Revista Nera**, Unesp, v. 22, 2003, p. 62-63.

Companhia confirma, por meio do periódico, sua compreensão ideal de trabalho e de sociedade baseada na sua experiência de classe dominante.

A proposta do presente artigo é compreender a centralidade do corpo operário e das práticas esportivas na formação do trabalhador idealizado pela empresa Light, especialmente através do seu principal elemento discursivo de comunicação interna com os trabalhadores: a *Revista Light*.

A domesticação do corpo

A *Revista Light* abusava das representações imagéticas para cristalizar sua comunicação das relações de trabalho objetificadas. Na narrativa da *Revista* era constante a preocupação com a saúde física do trabalhador na empresa, principalmente na idealização da representação do corpo sadio e forte, inclusive dos mais jovens. Como apontou Alcir Lenharo, na utilização da propaganda política as imagens tinham como objetivo espalhar uma carga afetiva e sensorial para atingir com mais facilidade o público. Nesse sentido, a alegoria do corpo, muito enraizada no imaginário cristão e, por isso, mais facilmente compreendida, é associada a “uma totalidade orgânica, à imagem de um corpo uno e indivisível e harmonioso”.⁴ Embora essa alegoria do corpo não fosse uma novidade na década de 1930, pode ser compreendida como uma nova cultura corporal no Brasil, inclusive como política do Ministério da Educação e Saúde, especialmente na preocupação com a educação física associada ao esporte.⁵ Para Maurício Parada, havia certo consenso entre os pedagogos e professores de educação física ao longo da década de 1930, de que o esporte no Brasil era resultado de classes liberais estrangeiras, sem compromisso com a formação de uma mentalidade nacionalista, apenas reduzida como diversão.⁶ Os técnicos do MES compreendiam a urgência do Estado na formação educacional do povo de um espírito nacional, por isso “o esporte e a educação física, a serviço do bem público, apresentariam um novo horizonte para a educação das massas”.⁷ Segundo Lenharo, a representação do corpo orgânico era uma estratégia de reordenamento da sociedade corporativista, em curso em 1930:

O objetivo do projeto, portanto, visava neutralizar os focos de conflitos sociais, tornando as classes (órgãos) solidárias umas com as outras. Ao lado dessa

⁴ LENHARO, Alcir. **Sacralização da política**. Campinas: Papirus, 1986, p. 16.

⁵ PARADA, Maurício. **Educando corpos e criando a nação**: cerimônias cívicas e práticas disciplinares no Estado Novo. Rio de Janeiro, RJ: Apicuri, 2009, p.157.

⁶ *Ibidem*, p. 157.

⁷ *Ibidem*, p. 178.

referência, uma outra também ganha ressonância: toda uma pedagogia do corpo foi sendo detalhada, de modo a colonizá-lo para a produtividade do trabalho.⁸

O corpo, que unifica todas as partes na formação de um todo harmônico em um organismo, também encontra no ideal da pátria uma importante representação simbólica discursiva. Cada cidadão seria um elemento desse organismo chamado nação, que só poderia avançar numa pacificação ou destruição das células não harmônicas. A força estratégica do conceito de pátria na diminuição das diferenças é fundamental, como aponta Eliana Dutra. Segundo a autora, o patriotismo e o nacionalismo despertariam sentimentos poderosos já que contribuíram para o desaparecimento das diferenças entre o público e o privado; a insegurança devido à ausência do privado colocaria o espaço público da nação como a única possibilidade de proteção e segurança.⁹

Esse corpo orgânico, que precisa se manter unido e amparado pela colaboração solidária dos trabalhadores, é um resquício de um determinado pensamento sociológico científico do final do século XIX. Como aponta Daniela S. Barbieris, existia um esforço profundo para compreender a sociedade com leis semelhantes ou iguais às da natureza; a analogia funcionaria como uma ferramenta para encarar a sociedade dentro de um conjunto de leis naturais, que seguiriam o processo de evolução comum a todos os seres vivos.¹⁰ Segundo Silvana Goellner, as teorias científicas que compreendiam o indivíduo pelas características biológicas, recorrentes nesse período, foram fundamentais para legitimar a educação do corpo produtivo.¹¹ Nesse sentido, os indivíduos pouco poderiam fazer a não ser compreender essas leis orgânicas como inalteráveis e se adaptarem.

Pensar a educação física como uma prática nacional inserida no contexto pedagógico passa a ser, na década de 1930, um debate central. No sentido nacional, a educação física como disciplina escolar, implicaria em uma das estratégias na formação de uma juventude sadia, mas também no “processo de pacificação e a disciplinarização” que garantiria um futuro estável e moderno.¹² A Constituição de 1937, por exemplo, redigida por Francisco

⁸ LENHARO, *op. cit.*, p.18.

⁹ DUTRA, Eliana Regina de Freitas. **O ardil totalitário: imaginário político no Brasil dos anos de 1930**. 2. ed. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2012, p. 140.

¹⁰ BARBERIS, Daniela S. O organismo como modelo para a sociedade: a emergência e a queda da sociologia organicista na França do fin-de-siècle. *In*: MARTINS, R.A.; MARTINS, L.A.C.P.; SILVA, C.C.; FERREIRA, J.M.H. (eds.). **Filosofia e história da ciência no Cone Sul: 3º Encontro**. Campinas: AFHIC, 2004, p. 133.

¹¹ GOELLNER, Silvana V. A produção cultural do corpo. *In*: LOURO, Guacira; NECKEL, Jane Felipe; GOELLNER, Silvana (Orgs.). **Corpo, gênero e sexualidade: um debate contemporâneo na educação**. 4. ed. Petrópolis: Vozes, 2008, v. 1, p. 36.

¹² PARADA, *op. cit.*, p.163.

Campos, já apresentava no capítulo destinado à educação, a proposta de organização pelo Estado de períodos de trabalho nas oficinas e nos campos para a juventude, como ambientes de propagação de valores como a disciplina, a educação física e moral, além da defesa nacional.¹³ Campos, ainda no mesmo ano, encaminhou para Vargas a proposta da criação de uma Organização Nacional da Juventude (ONJ), que como apresentou José Silvério Baia Horta, eram transcrições quase literais da *Opera Nazionale Balilla*, movimento da juventude fascista italiana, criado em 1926.¹⁴ Mesmo com o fracasso da ONJ por conflitos com os ministros Gustavo Capanema e Eurico Gaspar Dutra, ganharia força a proposta de criar um movimento da juventude voltado à formação física, moral e cívica.¹⁵

No contexto do trabalho industrial, a educação física e a instrumentalização do corpo, como chamou Lenharo, também eram bem centrais na construção do bom trabalhador, afastando-o da desordem e tornando-o passivo em relação à exploração dos empresários. Afinal, moldado ao trabalho, militarizado, o cidadão-trabalhador estaria disposto a dar sua vida para o corpo maior, se necessário: a pátria.¹⁶ Assim como nas vilas operárias, em que o olhar vigilante e de controle da burguesia exercia sua prática de higienização moral e física, também através da educação física o trabalho na indústria poderia ser um ensaio para uma intensificação do controle do operário e do domínio sobre o seu tempo de produção.¹⁷

Era recorrente, nas teses que circulavam naquele período, a ideia de que a educação física teria como objetivo o desenvolvimento das faculdades morais; um instrumento de “docilização”. Outro aspecto eram suas repercussões no mundo do trabalho, na disciplinarização, mas também em um aprimoramento eugênico.¹⁸ Para o médico Leite de Castro, no artigo “Por que é necessário exame médico nos esportes?”, publicado na *Revista Light*, era no aperfeiçoamento físico do cidadão e no aproveitamento de suas aptidões que o Brasil passaria a ser um país civilizado. A Alemanha era apresentada como um modelo a ser seguido na relação entre educação física na formação moral e racial da sua nação:

A Alemanha, nação em que a guerra europeia abateu o índice físico de seu povo, vem de uma dezena de anos para cá empreendendo uma das maiores obras, qual seja a de refazer a sua raça. Assim, os seus dirigentes, com Von Hindenburg à frente,

¹³ HORTA, José Silvério Baia. **O hino, o sermão e a ordem do dia**: a educação no Brasil. (1930-1945). 2. ed. Campinas, SP: Autores Associados, 2012, p. 177.

¹⁴ *Ibidem*, p. 178-179.

¹⁵ *Ibidem*, p. 198.

¹⁶ LENHARO, *op. cit.*, p. 18.

¹⁷ *Ibidem*, p. 94.

¹⁸ *Ibidem*, p. 77.

consideram a educação física como uma necessidade nacional e com uma finalidade utilitária, moral, educativa e cultural.¹⁹

Havia um entusiasmo entre os médicos higienistas e pedagogos com o que consideravam a potencialidade civilizadora que a educação física poderia trazer na regeneração e no aprimoramento da “raça”.²⁰ Segundo Goellner, os médicos já eram figuras centrais nesse período, na elaboração não somente do corpo individual, mas essencialmente do corpo social, por isso a necessidade da intervenção no corpo pela educação dos indivíduos.²¹

Como o próprio Vargas deixava claro em seu discurso de inauguração do Minas Tênis Clube, em 1940, sobre as melhorias das condições físicas dos cidadãos, o governo estava empenhado em projetos para educar o corpo para o “aperfeiçoamento eugênico das novas gerações”. Desenvolver o corpo através da educação física era necessariamente desenvolver o espírito, afinal, o corpo sadio também estaria associado ao comportamento harmônico almejado pelo governo. Para Vargas, “a agilidade, a destreza, a resistência muscular” forneceria não somente um desenvolvimento intelectual, mas também o “desenvolvimento harmônico da personalidade”.²²

O Centro Militar de Educação Física

Embora muito associada à saúde, lazer ou esporte, a educação física também tem uma relação importante com as Forças Armadas e a defesa nacional na primeira metade do século XX.²³ Houve também nesse período um processo de transformação no Exército, no que diz respeito à formação de seus membros; menos punitivista, como foi nos anos anteriores, e mais “disciplinar”, voltada a uma educação militar apoiada no civismo, na religião, na família e, especialmente, na educação nacionalista.²⁴ O processo de modernização e profissionalização teve forte influência da Missão Militar Francesa no Brasil, no período entreguerras, que colocava nas Forças Armadas a responsabilidade da construção da nacionalidade e não apenas na simples formação física muscular.²⁵ A influência francesa seria descartada em 1937, com a

¹⁹ *Revista Light*, dez. 1933, p. 26.

²⁰ PARADA, *op. cit.*, p. 160.

²¹ GOELLNER, *op. cit.*, p. 38.

²² VARGAS, Getúlio. *A nova política do Brasil*. José Olympio, v. VII, 1938, p. 312.

²³ CASTRO, Celso. In *corpore sano: os militares e a introdução da educação física no Brasil*. *Antropolítica*, Niterói, RJ, n. 2, p. 61-78, 1º sem. 1997, p. 3.

²⁴ SCHWARTZMAN; BOMENY; COSTA, *op. cit.*, p. 84.

²⁵ CASTRO, *op. cit.*, p. 3.

criação da Divisão da Educação Física pelo Ministério da Educação e Saúde, pois acreditava-se que ela ignorava as questões sociológicas e étnicas do Brasil e, por isso, não correspondia à formação do “homem nacional”.²⁶

A obrigatoriedade da educação física, decretada em 1929 pelo ministro da Guerra, general Nestor Sezefredo, fez com que o CMEF criasse o Curso Provisório de Educação Física, que passou a formar profissionais especializados para ensinar educação física nas escolas. Apesar das resistências da ABE (Associação Brasileira de Educação) e da Igreja Católica, na década de 1930 o Exército passaria a ter mais respaldo e monopólio na implantação da educação física nas escolas e centros de formação. Com o Ministério da Educação e Saúde comandado por Capanema, a educação física foi definitivamente institucionalizada na educação civil sob comando das Forças Armadas.²⁷

A *Revista Light* demonstrou a presença das forças militares na empresa, especialmente dos técnicos e oficiais do Centro de Educação Física do Exército, revelando uma relação estreita entre os princípios militares aos interesses da Light, relativo ao comportamento dos trabalhadores. Em setembro de 1928, por exemplo, com amplo apoio da *Revista Light*, foi criado o “Tiro da Light”. O grupo, com a ajuda da ABEL, era destinado para todos os trabalhadores interessados da empresa, inclusive os não associados. Com a matrícula, o operário estava livre do sorteio e, conseqüentemente, de ficar um ano inteiro em treinamento do Exército, atraindo assim mais os jovens operários. Entretanto, acima de tudo, era considerado também um dever cívico dos trabalhadores ao seu país em defesa da pátria. O Tiro da Light, com a ajuda da *Revista*, teve um rápido crescimento: a primeira turma contou com 41 matriculados. No ano seguinte, já eram aproximadamente duzentos alunos. Oferecido pela Escola de Instrução Militar, tendo como diretor Silvio Mota, passou a se chamar em 1933, EIM 309, e contava sempre com cerimônias cívicas de juramento à bandeira, anualmente retratadas na *Revista Light*, para entregar os certificados aos novos reservistas. Em 1937 foi inaugurada a nova sede do Tiro da Light, e em conjunto com a cerimônia de entrega dos certificados, com presença do chefe do gabinete do Serviço Militar da Reserva, oficiais militares e familiares dos reservistas, o superintendente geral da Light, José Garcia de Aragão, avaliou o papel do Tiro da Light nos últimos anos:

É possuído do mais vivo contentamento que sinto cristalizar-se na alma brasileira o sentimento do dever, o verdadeiro civismo e o respeito às instituições que deverão

²⁶ PARADA, *op. cit.*, p. 174.

²⁷ CASTRO, *op. cit.*, p. 10.

sempre ser a nossa proteção contra o assalto do materialismo e utilitarismo desesperados e ávidos de destruição, sempre ditados pelos espíritos egoístas, contra a honra, a propriedade, a família e até a sagrada instituição da Pátria.

É de vós, prezados companheiros desta varonil geração dos nossos dias, de cujo acrisolado amor ao Brasil jamais duvidaremos, que esperamos o combate e aniquilamento da ação deletéria dos elementos subversivos da ordem que ora se infiltram por todos os países, levando-os ao caos e a decadência pelo enfraquecimento de sua resistência moral e cívica.²⁸

A finalidade da Escola de Tiro ultrapassava o certificado de reservista como um documento social importante, ela era também um processo simbólico de culto ao civismo e da aproximação do operário à cultura militar, do culto à pátria e, especialmente, da ordem nacional. Essa prática se aproximava do projeto do exército brasileiro naquela década. No começo da década de 1930, passava a ser acentuado pelo exército o conceito de “segurança nacional”, em contraponto à proposta de “defesa nacional”. A proposta era criar um ambiente de preparação da nação para uma possível guerra em um período de paz, ou o imaginário do inimigo interno, na identificação dos comunistas, que estariam permanentemente presentes como os “elementos subversivos”. Esse conceito da “defesa nacional” ultrapassará as barreiras militares e se propagará nas esferas sociais, econômicas, políticas e culturais.²⁹

Na sessão solene de entrega de certificados do ano de 1939, o instrutor do Tiro da Light, o tenente Feliciano Marques Guimarães, proferiu seu discurso lembrando os deveres dos novos reservistas, a formação do caráter e do homem nacional que o Exército estava promovendo aos trabalhadores da Light. Feitos somente possíveis com o Estado Novo:

Com o advento do Estado Novo, surgiu a era dos valores. Trabalhe intensamente na esfera das vossas atividades e patrioticamente procure ir adiante e tereis feito muito e muito.

Prestigie a autoridade. Prestigie o Estado Novo, um regime bem brasileiro, instituído para colocar o Brasil no lugar que lhe cabe, forte e digno, a altura de sua beleza, da sua riqueza, da imensidade geográfica do seu território.³⁰

A cerimônia contou também com a participação do diretor da *Revista Light*, Terra de Senna (pseudônimo do escritor Lauro Pereira Nunes) e também do diretor da escola, Gilbert Hearn. Este último, que havia sido diretor da ABEL (Associação Beneficente dos Empregados da Light) até seu encerramento em 1932, também discursou e aproveitou para pontuar a importância que a presença militar e a educação física teriam nas melhorias dos jovens operários:

²⁸ **Revista Light**, fev. 1937, p. 14.

²⁹ HORTA, *op. cit.*, p.32.

³⁰ **Revista Light**, mar. 1939, p.30.

Em se adaptando ao treinamento militar conseguem robustecer-se fisicamente ao mesmo tempo que adquirem o hábito da disciplina, fatores estes do mais alto valor não somente à Pátria, como também a cada um individualmente, pois que, estando física e moralmente sãos, tudo podem esperar da vida. (...) Os diretores bem sabem que o empregado que aprende a manter-se calmo e disciplinado em todas as eventualidades, é um homem com que podem contar nos serviços de utilidade pública.³¹

Nesse sentido, a atuação da Escola de Instrução Militar tinha também como missão o fortalecimento da disciplina na harmonia dos trabalhadores. O Exército, como também os diretores da Light, por intermédio da educação física, compreendiam que o aspecto físico, o corpo saudável e controlado, era indissociável da moralidade na formação do caráter do indivíduo, e por isso funcional para a harmonia também no espaço do trabalho.

A presença de Ignácio de Freitas Rolim,³² responsável pelo Centro Militar de Educação Física e, posteriormente também como membro da diretoria da Divisão de Educação Física, era comum no interior da Cidade Light, especialmente no período de descanso dos operários. Em 1933, por exemplo, Rolim, a pedido da Light e da Federação dos Escoteiros, visita o setor de Tração e Oficinas e discursa para os operários no refeitório. Segundo a *Revista Light*, que fotografou e publicou o momento,³³ a base do discurso de Rolim foi a necessidade da educação física não só na infância e juventude, mas também para todas as idades, em especial para os operários. A educação física corrigiria as deficiências do “organismo consequente a natureza do trabalho de cada um”. Na visão do militar, o Brasil será o primeiro país da América do Sul a cuidar da saúde e proteção dos seus operários com o auxílio e parceria do CMEF. Segundo a Revista, Rolim foi “calorosamente aplaudido” pelos operários que ali o ouviam.³⁴

³¹ **Revista Light**, mar. 1939, p.30.

³² Importante mencionar que na década de 1950, já como Marechal Ignácio de Freitas Rolim e instrutor da Escola Superior de Guerra, fará parte do grupo fundador do Instituto Brasileiro de Ação Democrática (IBAD), criado em 1959, mantinha relações com a CIA, organização de caráter anticomunista que interagiu politicamente com organizações paramilitares como, por exemplo, o Movimento Anticomunista (MAC).

³³ A fotografia de Ignácio Rolim no refeitório é bastante simbólica, pois busca evidenciar ao abrir o ângulo, os operários sentados e atentos ao discurso do militar.

³⁴ **Revista Light**, jul. 1933, p. 41

Figura 1 - Discurso do diretor da CMEF, capitão Ignácio Freitas Rolim, aos operários da Oficina de Tração



Fonte: Revista Light, julho de 1933, p.41.

O capitão Ignácio Freitas Rolim era um grande idealizador da educação física como elemento determinante na formação moral do homem. Em um artigo para a *Revista de Educação Física do Exército*, com o título “Educação moral e educação física”, de 1935, ele apresenta que a atividade física era um fator determinante para o adestramento, a inteligência e para a força, por isso teria um valor central para a formação social e moral das próximas gerações. A educação física despertaria o “espírito de obediência”, que viria com a imposição fisiológica e mecânica; a uniformidade da atividade, a repetição e a simetria produziriam a “colaboração solidária dos esforços”. Nesse sentido, a educação física, para Rolim, era compreendida como a força motriz para uma sociedade desenvolvida; o organismo, com a educação física metódica, seria conduzido inevitavelmente a uma “concordância funcional, irradiadora de uma alegria de viver, de otimismo sadio, de uma tendência natural para o bem, de uma alegria natural e comunicativa”. A ausência da educação física daqueles “que se entregam de corpo e alma à inatividade de uma vida sedentária”, não seria apenas responsável pelos males físicos, mas também e, especialmente, para as falhas morais:

As faculdades morais apresentam os mesmos fenômenos negativos. O seu caráter é sombrio: o amor pela humanidade cede lugar a um individualismo desmedido,

criando em torno destes anormais um ambiente tendente exclusivamente para o mal e para a debilidade moral incompatível com as necessidades do convívio social.³⁵

Desse modo, a educação física seria um remédio eficaz contra a desarmonia social; o combate contra o “individualismo corrosivo” que, segundo o militar, estaria contaminando todas as classes sociais brasileiras, ameaçando assim o espírito harmonioso e coletivo da sociedade.³⁶

Eram também frequentes as contribuições do diretor do CMEF, major Raul Vasconcelos, para a *Revista*. Este escreveu um artigo importante para a *Revista Light*, meses antes do discurso do capitão Ignácio Rolim, avaliando o período produtivo e próspero do Centro Militar naquele contexto nacional; era o momento oportuno de fazer o Brasil “grande, indivisível, respeitado e magnânimo”. Considerava um erro a ideia de que a educação física era exclusivamente militar, já que o CMEF contava com a contribuição de educadores, como o escolanovista³⁷ Lourenço Filho, do médico sanitário Paranhos Fontenelle, do médico e antropólogo Fróes da Fonseca e de outros membros da sociedade civil que apoiavam a direção do Exército no ensino de educação física. Estimulado também em auxiliar a *Light* na formação não só de novos esportistas famosos, que se destacavam da *Light*, mas na educação física do trabalhador:

Companheiros do trabalho que produz, do trabalho dignificador, do trabalho que cria, que realiza e que eleva a nacionalidade, trabalhem juntos num espírito de cooperação mútua pela educação física nacional por ser a pedra angular da formação da raça e para que possamos transmitir aos nossos filhos a nossa Pátria mais bela e mais forte do que nos legaram nossos avós.³⁸

Essa presença intensa do CMEF na Cidade Light era uma iniciativa fortemente defendida pelo diretor da *Revista*, Alvaro Guanabara. Para ele, a *Revista Light* já tinha cumprido o papel de praticamente criar os esportes infantis e o escotismo entre os filhos dos operários, agora caberia a função de introduzir a educação física aos trabalhadores da Light. Guanabara escreve uma carta ao general Góes Monteiro pedindo uma reunião para a efetivação do projeto de cooperação da Light com o Exército:

Merece seu apoio um movimento partido dos empregados da Light (são perto de 20.000), para uma aproximação entre a mocidade trabalhadora e o Exército?

³⁵ ROLIM, Ignácio de Freitas. Educação moral e educação física. *Revista de Educação Física*, v. 4, n. 2, mar. 1935, p. 36.

³⁶ *Ibidem*, p.37.

³⁷ Escolanovistas eram adeptos ao conjunto de ideias do movimento Escola Nova, que surgiu na primeira metade do século XX. Alguns temas como a escola pública, gratuita e laica estavam na estrutura desse movimento. Cf. SCHWARTZMAN, Simon; BOMENY, Helena Maria Bousquet; COSTA, Vanda Maria Ribeiro. **Tempos de Capanema**. 2. ed. São Paulo: Paz e Terra; Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 2001, p.70.

³⁸ *Revista Light*, mar. 1933, p. 15.

Parece-lhe útil uma demonstração decidida do desejo dos empregados da Light de que seus filhos cresçam ligados ao Exército? (...)

É V.Excia. o chefe militar naturalmente indicado para patrocinar esse movimento e, por isso, caso V. Excia. Esteja de acordo, venho solicitar a indicação do local, dia e hora para que lhe possa expor o nosso projeto e receber a orientação indispensável que V. Excia nos pode dar.³⁹

Góes Monteiro respondeu rapidamente e aceitou o convite da *Revista* para o encontro que aconteceria no mesmo mês. A parceria tão almejada por Alvaro Guanabara entre a Light, por intermédio do diretor do seu periódico, e o Exército, com o CMEF, vai se dar por meio da criação da Federação dos Escoteiros da Light e pelo esporte entre os operários. Essa relação será proveitosa para ambas as partes: para a Light, a docilização dos corpos formaria novos operários a cooperar com a comunidade fabril e absorver o princípio da hierarquia militar: o respeito aos chefes e a submissão e o cumprimento das suas ordens no trabalho. Para o Exército, sua cultura política se expandiria. Como apontou José Silvério Baia Horta, ao analisar o pensamento de Góes Monteiro por outros textos publicados nos primeiros anos de 1930, o general, além de propor um governo forte e centralizador, um Estado firme que guiasse as massas, o controle dos aparelhos ideológicos, também defendia uma nova mentalidade em torno da unidade nacional e da pátria, com o objetivo de disciplinar as novas gerações e, principalmente, interromper a luta de classes.⁴⁰ Isso fica claro em uma carta aberta enviada pelo general à *Revista Light*:

O Exército é a maior escola do Brasil. Educar é o dever funcional do Exército (...)
O Exército trabalha para formar cidadãos e não apenas soldados. É preciso que todos se compenetrem dessa verdade. Assim, só merecem louvores, e agradecimentos os que, como os homens de esporte da Light, o auxiliam na sua tarefa, buscando a sua cooperação para a grande obra de fornecer à Pátria homens de ação, confiantes no destino dela.⁴¹

Alguns anos depois, em um artigo assinado por Isaac Cook⁴² na *Revista Light* sobre o balanço das atividades físicas e esportivas promovidas pelo periódico e a empresa, a figura de Alvaro Guanabara era glorificada. Ele era considerado por Cook como o grande responsável pela parceria do Exército no processo de introdução à formação física dos trabalhadores:

Incansável no seu trabalho de conseguir em cada empregado da empresa um sportman sadio, correto e leal. Alvaro Guanabara achava-se sempre ao lado dos que organizavam, dos que realizavam, dos que idealizavam, animando-os sempre, caloroso, vibrante, a prosseguir na grande obra.

³⁹ *Revista Light*, mar. 1933, p. 16.

⁴⁰ HORTA, *op. cit.*, p. 26.

⁴¹ *Revista Light*, jul. 1933, p. 17.

⁴² Isaac Cook era escriturário do Departamento de Tração e Oficinas, mas também cronista esportivo, escrevia sobre esportes para a *Revista Light*, “Diário de Notícias” e “A Batalha”.

Dentre as obras de vulto que realizou, é de se salientar o apoio que obteve do Exército, sob o patrocínio do Sr. General Góes Monteiro, para o “aperfeiçoamento” do problema da educação geral (física, intelectual e moral) do pessoal da Light (...).⁴³

A busca por uma sociedade baseada em uma organização militar encontrou espaço nos objetivos do empresariado da Light no controle do operariado. Era a consolidação estratégica da substituição gradativa do trabalhador por um defensor da pátria, um soldado disposto a defender a nação e, principalmente, seu posto de trabalho contra os subversivos. Confunde-se propositalmente, ou ataca-se, a subjetividade do operário “acoplando a visão da sua própria condição uma dimensão étnico militar”.⁴⁴

O esporte e o trabalhador saudável

A *Revista Light* era de fato uma grande incentivadora das práticas esportivas. Promovia campeonatos internos, sempre com a presença do presidente da empresa e dos chefes dos departamentos, além de evidenciar em suas páginas os atletas que se destacavam.⁴⁵ As práticas variavam desde esportes coletivos como o futebol, o basquete, o vôlei, até atividades individuais como o atletismo, a esgrima, o boxe, tudo aquilo que envolvia a ginástica olímpica e, posteriormente, também, a luta livre, o jiu-jitsu e a natação. Desde sua criação, no seu primeiro editorial, a *Revista Light* já anunciava que o esporte “será um dos grandes elementos dessa revista”, entre outras tantas propostas. Ela se apresentava como um canal comunicativo para promover o “desenvolvimento do esporte entre os nossos companheiros e as nossas gentis colegas, o que será um serviço valioso a prestar-lhes”.⁴⁶

Segundo o superintendente do Departamento de Linhas e Edifícios, mr. Peterson, a *Revista Light* era essencial, pois além de promover um melhor conhecimento dos empregados, estava engajada no desenvolvimento físico dos trabalhadores. Através do estímulo e da propaganda das práticas esportivas, a revista contribuiria “muito para a melhoria da raça, a ser

⁴³ **Revista Light**, mar. 1938, p. 31.

⁴⁴ LENHARO, *op. cit.*, 1986, p. 86.

⁴⁵ Alguns nomes importantes como Carlos Castelo Branco, nadador, jogador de polo aquático e praticante de remo, participou das Olimpíadas; Antônio Jacobina Filho, jogador de polo aquático, chegou a representar o Brasil nos Jogos Olímpicos de Verão de 1932; Waldemar Gonçalves e Pedro Marinez, ambos jogadores de basquete e fizeram parte da seleção brasileira que representou o Brasil nos jogos Olímpicos de Berlim em 1936; Leônidas da Silva que trabalhou nas oficinas de Vila Isabel, como ajudante, antes da sua profissionalização no futebol na década de 1930.

⁴⁶ **Revista Light**, jan. 1928, p. 14.

um dos melhores meios de se obter um bom convívio social”.⁴⁷ Em outro momento, em um pequeno texto, no qual a *Revista Light* propositalmente destacou um trecho em letras maiúsculas “UM HOMEM QUE NÃO SE INTERESSA PELO ESPORTE NÃO VALE NADA PRA MIM!”, Peterson afirmava que o esporte não apenas fortifica o corpo e afasta as tristezas da vida, mas fazia com que o trabalhador voltasse mais disposto e vigoroso ao trabalho. Os trabalhadores que praticavam esportes “aprendem a apreciar a energia física e querem conservar e aumentar a que possuem. Dormem cedo e escapam assim às tentações que enfraquecem e destroem o homem”.⁴⁸

Era muito presente no pensamento dos diretores da Light e os autores escolhidos pelo periódico, já no final de 1920, a perspectiva que a prática esportiva era a ocupação ideal do operário fora da fábrica, pois influenciava diretamente a saúde mental, o comportamento, as virtudes e a formação do caráter do indivíduo. Para o superintendente geral da Light, James Mckim Bell, a prática esportiva deveria ser “a bandeira de todos” os operários da empresa, pois são nos jogos que “se aprende a lealdade, o cavalheirismo, o respeito aos adversários de momento, mas companheiros de sempre e o esforço inteligente e disciplinado”. Para Bell, o operário que tem um corpo forte, necessariamente teria um espírito nobre.⁴⁹ Para o superintendente do Departamento de Tração e Oficina, Charles Barton, o trabalhador que também praticava esportes e chegava a ser campeão na sua modalidade era admirado e querido por todos; se for um chefe com destaque esportivo os resultados poderiam ser melhores, pois “os companheiros o atendem com prazer e a disciplina é naturalmente mantida. Ele quase não precisa dar ordens; todos se esforçam porque são amigos dele. Consequência: a Companhia é melhor servida”.⁵⁰ Em outro texto da própria **Revista Light**, de 1929, sobre a criação das práticas esportivas para as mulheres e para as crianças, é possível identificar esse pensamento:

Errada e prejudicial é a vida que se distribui apenas entre as horas de trabalho na Companhia e as de repouso em casa, limitadas as distrações, ao cinema, a uns rápidos passeios pela Avenida ou alguns bailes de tempos em tempos. Não há saúde, sem exercício físico, e o espírito só está alegre quando o corpo é forte e são. Somos tristes, dizem: é porque somos fracos.⁵¹

⁴⁷ **Revista Light**, jan. 1929, p. 13.

⁴⁸ **Revista Light**, dez. 1929, p. 26.

⁴⁹ **Revista Light**, dez. 1929, p. 27.

⁵⁰ **Revista Light**, dez. 1929, p. 27.

⁵¹ **Revista Light**, jul. 1928, p. 11.

A ABEL, que era responsável pela promoção dos torneios esportivos, estimulou a participação dos trabalhadores até o ano de seu encerramento (1932), sendo a *Revista* considerada por essas motivações como um grande movimento educativo. Segundo o periódico, a Associação com suas realizações esportivas assegurava o desenvolvimento físico e mental dos trabalhadores, dando a eles melhores condições para progresso na vida e no trabalho. A ABEL, ainda com suas práticas constantemente retratadas pela *Revista*, era um estimulante “poderoso aos que ainda se conservam afastados do esporte e perdem assim sua energia e se enfraquecem”, esse estímulo “aos mais fracos” faria da ABEL a grande realização da empresa.⁵²

Havia na década de 1930 uma visão muito pessimista dos ideólogos e professores, partidários do ensino de educação física sobre os esportes; consideravam que nas décadas anteriores as práticas esportivas não tinham atendido às necessidades nacionais, atrelados ao estrangeirismo e à diversão, por isso isentos de caráter nacionalista.⁵³ Foi com o Estado varguista que o esporte passou a ser um elemento importante na relação entre Estado e sociedade.⁵⁴ Para os técnicos do Ministério de Educação e Saúde, o esporte deveria ser considerado fundamental, com os devidos processos racionais, na preparação social da juventude a favor da cooperação nacional. A educação física e o esporte precisavam estar aliados na “formação cívica do membro da comunidade política”.⁵⁵ Vargas também argumentou que o esporte tinha uma função social aliada ao Estado, capaz de atenuar os conflitos de classes:

A paixão desportiva tem poder miraculoso para conciliar até o ânimo dos integralistas com o dos comunistas ou, pelo menos, para amortecer transitoriamente suas incompatibilidades ideológicas. (...) É preciso coordenar e disciplinar essas forças, que avigoram a unidade da consciência nacional.⁵⁶

O esporte, ao passar a ser um elemento nacional, pátrio, poderia aproximar todos os indivíduos sob uma mesma comunidade, até mesmo de ideologias frontalmente contrárias; estabeleceria uma relação de pertencimento à equipe, ao clube ou à nação.⁵⁷

⁵² *Revista Light*, abr. 1929 p. 31.

⁵³ PARADA, *op. cit.*, p. 178.

⁵⁴ COSTA, Maurício da Silva Drumond. **Vargas, Perón e o esporte**: propaganda política e a imagem da nação. *Estud. hist.* (Rio J.) [online]. 2009, vol. 22, n. 44, p. 399.

⁵⁵ PARADA, *op. cit.*, p. 178.

⁵⁶ VARGAS, Getúlio apud LYRA FILHO, João. **Introdução à psicologia dos desportos**. Rio de Janeiro: Record, 1983, p. 128.

⁵⁷ COSTA, Maurício da Silva Drumond. **Nações em jogo**: esporte e propaganda política nos governos de Vargas (1930-1945) e Perón (1946-1955), Dissertação de Mestrado, Rio de Janeiro, UFRJ, 2017, p. 87.

Assim como a educação física, a prática esportiva, desde que controlada pela racionalização médica e higienista, contribuiria para a formação idealizada do homem nacional. Nesse sentido, ele passaria a ser considerado uma ferramenta política na construção de uma nacionalidade almejada. Seria um ambiente não apenas de propagação, mas também de valores altamente disciplinares e cívicos, assim como as competições esportivas despertariam no praticante um sentimento de solidariedade e pertencimento à comunidade nacional.⁵⁸ A prática do exercício físico estaria associada ao fortalecimento racial e até mesmo a uma regeneração étnico-social.

Na Light, nesse período, os discursos relativos aos esportes também passam a ter esse alinhamento com a formação do caráter cívico. Alvaro Guanabara, com o artigo “Os homens de esporte da Light estão realizando uma obra nacional”, de 1933, compreende que a Light com sua iniciativa particular fazia um processo de cooperação com o Estado brasileiro; juntos estavam realizando uma “verdadeira obra nacional”. Os trabalhadores que praticavam esportes, inclusive os jovens, seriam parte de um grande exército para contribuir com a nação:

Somos na Companhia quase 20.000 homens a que se juntam as nossas mães e esposas, e assim formamos um exército que vai agir para ajudar a formação do Brasil de amanhã. São 30 mil ou 40 mil brasileiros dispostos a dar o exemplo do esforço em favor da infância e da mocidade, e que, com a cooperação do Estado, da Companhia e de quantas organizações puderem ajudar, iniciam uma obra que ainda ninguém fez, e que uma vez vencedora, será imitada no país inteiro.⁵⁹

Para Guanabara, os homens dos esportes da Light seriam meios importantes para a construção do fortalecimento da unidade da pátria: cidadãos esclarecidos sobre seu papel de sacrifício e de apoio ao governo.⁶⁰

⁵⁸ PARADA, *op. cit.*, p. 179.

⁵⁹ **Revista Light**, abr. 1933, p. 10.

⁶⁰ *Idem.*

Figura 2 – “Preparando uma geração forte”



Fonte: *Revista Light*, jan. 1935, p. 22.

Após o encerramento das atividades da ABEL, alguns departamentos criaram suas próprias associações esportivas e times para além dos muros da empresa, como o Light Tráfego F.C. (1931), Sport Clube Garage Excelsior, Light Villa Izabel F.C. (1932), Light Rua Larda Sport Clube (1933). Em 1933, as práticas esportivas na Light ganham muita fama no mundo dos esportes, com a fundação da Liga de Esportes Atlético da *Light* e Companhias Associadas (LEALCA), unificando todos os esportes e praticantes, inclusive de São Paulo, em uma grande Federação.⁶¹ Houve uma intensificação dos torneios e jogos, o que para a *Revista Light* era compreendido como uma “harmonia perfeitamente esportiva”, que mesmo em momentos de disputa competitiva, eram inabaláveis. Segundo o periódico, essa harmonia é um estímulo do esporte “entre os nossos companheiros, uma oportunidade a mais para que exibam os louváveis sentimentos de ordem e disciplina, como prolongamento da ação predominante nas horas do trabalho”.⁶² A preocupação dos diretores com os clubes desenvolvidos pelos trabalhadores claramente tinha um objetivo de preservar e incentivar a ordem; idealizar uma imagem de eficiência e sucesso, já que à medida que os clubes eram conhecidos e retratados pelos jornais, também seriam “uma espécie de cartão de visitas da empresa”.⁶³

Considerações finais

⁶¹ Em 1935 a LEALCA contava com um total de 19 clubes, todos os membros praticantes tinham que ser trabalhadores da Light.

⁶² *Revista Light*, set. 1933, p. 46.

⁶³ ANTUNES, Fatima Martin Rodrigues Ferreira. O futebol nas fábricas. *Revista USP*, (22), 1994, p. 102-109.

O esporte era, junto com a educação física, uma das ferramentas estruturais na idealização do corpo saudável, do trabalhador ordeiro e harmônico. Se o incentivo à sua prática estava voltado especialmente para os operários adultos, era no escotismo que as sementes da harmonia social entre os jovens e futuros operários seriam mais profundamente enraizadas. O esporte, como vimos, formaria o caráter, imprimiria a disciplina e a lealdade no espaço da fábrica, objetivos tão estimados pela direção da empresa.

Essa perspectiva colocava o operário que praticava esportes muito mais afastado das insurgências, das greves e da consciência do processo de exploração do trabalho e, conseqüentemente, mais integrado dentro do ambiente de disciplina proposto e almejado pelo capital. Essa nova educação física extensamente retratada na Light, por meio de seu periódico, procurava um equilíbrio e uma compreensão do trabalhador das suas obrigações como peça na engrenagem coletiva. Como na fala do diretor do Departamento Social Gilbert Hearn, “o *sportman*, porque é forte, está sempre de bom humor. E mais ainda: melhor do que outros ele sabe assumir uma responsabilidade, honrar um compromisso, cumprir a obrigação”.⁶⁴ Como aponta Lenharo, a educação do corpo era compreendida como parte do equilíbrio espiritual,⁶⁵ ou seja, o corpo convenientemente educado e dócil favoreceria a disciplinarização do trabalhador. É nesse sentido que a Light parece ter se aproximado de alguns aspectos do Estado varguista; afinal, ambos aspiravam à harmonia entre as classes sociais e a idealização do trabalhador nacional. Embora as relações entre o Estado varguista e o empresariado de uma empresa de capital estrangeiro, como a Light, se dessem também no campo de disputas públicas e jurídicas, foi na valorização do corpo produtivo, no trabalho coletivo, na defesa da solidariedade interclassista, na aproximação com o Centro Militar de Educação Física e na formação educacional do jovem operário, todos muito articulados e desenvolvidos na *Revista Light*, que a empresa se empenhou em anular e dissuadir os trabalhadores do embate social.

Fontes

Revista Light - Acervo da Fundação Energia e Saneamento. Núcleo de Documentação e Pesquisa de São Paulo (NDP).

⁶⁴ **Revista Light**, dez. 1929, p. 27.

⁶⁵ LENHARO, *op. cit.*, p.77.

Relatórios do Departamento Pessoal da Light de 1929 à 1940 - Acervo da Fundação Energia e Saneamento. Núcleo de Documentação e Pesquisa de São Paulo (NDP). **Revista de Educação Física** – Acervo digital:

ROLIM, Ignácio de Freitas. Educação moral e educação física. **Revista de Educação Física**, v. 4, n. 2, mar. 1935.

EDUCAÇÃO FÍSICA, R. DE. Visita à Cidade Light. **Revista de Educação Física**, v. 2, n. 4, 12 mai. 1933.

SKINNER, G. Características Primaciais do Escotismo. **Revista de Educação Física**, v. 4, n. 5, p. 2-11, 1935.

Referências

ANTUNES, Fatima Martin Rodrigues Ferreira. O futebol nas fábricas. **Revista USP**, (22), 1994, 102-109.

BARBERIS, Daniela S. O organismo como modelo para a sociedade: a emergência e a queda da sociologia organicista na França do fin-de-siècle. *In*: MARTINS, R. A.; MARTINS, L. A. C. P.; SILVA, C. C.; FERREIRA, J. M. H. (eds.). **Filosofia e história da ciência no Cone Sul: 3º Encontro**. Campinas: AFHIC, 2004.

CASTRO, Celso. *In corpore sano* - os militares e a introdução da educação física no Brasil. **Antropolítica**, Niterói, RJ, n. 2, p. 61-78, 1º sem. 1997.

COSTA, Maurício da Silva Drumond. **Nações em jogo**: esporte e propaganda política nos governos de Vargas (1930-1945) e Perón (1946-1955), Dissertação de Mestrado, Rio de Janeiro, UFRJ, 2017.

COSTA, Maurício da Silva Drumond. **Vargas, Perón e o esporte**: propaganda política e a imagem da nação. **Estud. hist.** (Rio J.) [online]. 2009, vol. 22, n. 44.

DUTRA, Eliana Regina de Freitas. **O ardil totalitário**: imaginário político no Brasil dos anos de 1930 / Eliana de Freitas Dutra. 2. ed. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2012

GOELLNER, Silvana V. A produção cultural do corpo. *In*: LOURO, Guacira; NECKEL, Jane Felipe; GOELLNER, Silvana (Orgs.). **Corpo, gênero e sexualidade**: um debate contemporâneo na educação - 4ª ed. Petrópolis: Vozes, 2008, v. 1, p. 28-40.

HORTA, José Silvério Baía. **O hino, o sermão e a ordem do dia**: a educação no Brasil. (1930-1945). 2ª ed. Campinas, SP: Autores Associados, 2012.

LENHARO, Alcir. **Sacralização da política**. Campinas, Papirus, 1986.

LYRA FILHO, João. **Introdução à psicologia dos desportos**. Rio de Janeiro: Record, 1983.

MARTINS, Ana Luiza. Da fantasia à história: folheando páginas revisteiras. **Revista Nera**, Unesp, v. 22, p. 59-79, 2003.

MENEZES, M. L. P.; DE PAIVA, B. B. Revista Light: Empresa, Cidade, Lazer e Esportes em Revista. **Revista de Geografia**, Juiz de Fora, v. 5, n. 1, 2015.

PARADA, Maurício. **Educando Corpos e Criando a nação**: cerimônias cívicas e práticas disciplinares no Estado Novo. Rio de Janeiro, RJ: Apicuri, 2009.

SCHWARTZMAN, Simon, BOMENY, Helena Maria Bousquet, COSTA, Vanda Maria Ribeiro. **Tempos de Capanema**. 2ª ed. São Paulo: Paz e Terra; Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 2001.

SOUZA, Denaldo Alchorne de. Futebol e gênero no Brasil. **Caderno Espaço Feminino**, v. 22, n. 2, ago./dez. 2009.

VARGAS, Getúlio. **A nova política do Brasil**. Rio de Janeiro: José Olympio, 1938.

_____. **A nova política do Brasil**. O Brasil na Guerra: 1º de maio de 1943 a 24 de maio de 1944. Rio de Janeiro: José Olympio, 1944.